



Lembrancinha

Autor: Luis Henrique Boaventura

Orientadora: Donesca Calligaro, UPF

Apresentação: “Lembrancinha” é um texto de caráter literário que tem como temas os efeitos nocivos do amor, a desconstrução de uma fachada aparentemente impecável revelando uma estrutura conjugal condenada. O encontro com a auto-realização plena, buscada a vida toda através do amor, atingida finalmente por meio da vingança. A conquista da liberdade através da violência.

Texto:

Lembrancinha

Escrevo, amor, porque a ânsia das minhas palavras só me permite vomitá-las embebidas no visgo desta tinta, tatuagem que talvez se desfaça no vácuo obscuro da tua memória, mas que estará sempre aqui, dormente, para quando quiseres despertar sabe-se lá o que sentes por mim; e minha voz percorrerá outra vez teus ossos feito corrente elétrica, com a intermitência de elásticos rápidos, mas contidos; de choques sépticos, mas curados; de anzóis acobreados pelo tétano, mas recobertos de antídoto.

Bem sei que recebi das tuas veias uma dádiva, uma transfusão de macro cólera já escalando propulsante este meu pescoço tomado de assalto por um encordoamento grosso e azulado, trançando, a esta altura, um sustentáculo já desprovido de utilidade. Portanto, acredite quando digo: lhe sou extremamente grato. Não compreendi na época (e me desculpo agora), mas foi tua influência que me salvou. Apenas ela que, ainda dócil, ainda mansa e vagarosa, depositava latência nas minhas lacunas, despertando-me do meu sonho como se iluminasse levemente a penumbra das minhas pálpebras.

Eu que era um coitado, um pobre instrumento nas tuas mãos. E pra falar a verdade, nas mãos de qualquer outro, bastando que me quisesse. Pois era esta a flor, o fruto, e a semente de toda minha demência e toda minha ganância: que me atravessassem e me calassem a garganta cinco dedos de faca, numa cadência doce, um vício, um feitiço, um timbre inebriante. E que depois, num fôlego comprido, imitasse minha voz e dissesse banhada d’uma entonação entorpecente, àqueles seus parentes e seus amigos, que nosso teto era um templo, um molde; e que éramos feitos um para o outro.

(Não era o ódio a pedra angular dessa catedral? Não era nossa santa igreja edificada em solo movediço? Não era a base do nosso altar uma estrutura condenada? Não eram, amor, vitrais escarlates no nosso santuário? Não tinha um fundo de veneno na água benta do meu batismo?)

Não, não seria exagero culpá-lo, mesmo porque, se ele não tivesse aparecido, teríamos evitado muita coisa.

Mas era este o frágil cordão que nos unia, o colostro fresco que só sorvíamos nos mamilos das horas mais tenras e que nos guarnecia um no outro, amainando a vertente de toda tua incandescência com aragem de pluma, como se assopra e se acalma a carne viva de um machucado. E assim, de repente, rejuntados de uma calcificação terrestre,



com nossos corpos exumados de toda empáfia e toda peste que nos comia o cerne, inoculando agora apenas nódoas claras de renovadas esperanças, nos vimos limpos outra vez.

Sim, foi teu amor que te curou. Este zelo extremo, este amor de entrega, de devoção; um louvar fanático e religioso envolvendo cada feixe de cabelos como uma chama que não queima. Este mesmo amor que se tornaria em breve o afluente de todo meu tormento.

E você bem que suspeitava. Bem que sentia a gradativa ressonância vaga da minha voz, a gravidade do meu rosto ao te responder, a hidrografia do meu pescoço esforçando-se para conter uma súbita eloqüência do que eu mais que tudo queria ter gritado. Foi então que fiz da minha língua, uma barragem, e dos meus lábios, duas comportas, e serragem da minha saliva e da ponta da minha língua uma ponte levadiça, só fechando-se à espera de uma chuva na crescente.

E eu já não via, ouvia nem sentia mais total e absolutamente nada. Vagava autista, era um sonâmbulo pelos corredores da nossa casa, adivinhando-o pelos cantos. E eu ia remoendo por dentro qual seria a expressão na tua face ao colher nestas linhas os teus pedaços. Que mapa, que teia venal, que enervação ferroviária se espalharia na tua testa ao se descobrir pela primeira vez uma peça seca e inanimada? Que trilhos seriam estes, mais pesados e metálicos, rasgando incontrolados as planícies da tua pele? De que liga mais densa seria esta lâmina, ceifando os matos mais pubescentes da tua terra?

Diverte-me, sinceramente, imaginar-te agora sentada numa daquelas cadeiras velhas de mau gosto, engolindo goles cada vez mais grossos da água morna da tua boca, apertando este gargalo largo, asfixiando esta flor de garganta que apesar de tudo desabrocha exasperada, se enraizando numa goela branca, descolorada do sangue que há de te subir e te entupir a profundidade do molho turvo das tuas lembranças, retirando deste poço uma ou duas coisas, perguntando-se em seguida num denso sopro o que fez, afinal, pra ter tanto me merecido.

Foi um presente, tua maldade. Um embrulho bem vedado, um rijo osso que eu cozinhava. E ninguém diria, amor, que daquele musgo flácido enxertado há tantos anos num rito sacro de paciência, fermentaria secretada, borbulhante, uma espumarada pútrida e iridescente.

(Não era meu rosto esta tua obra-prima inacabada, essa escultura talhada e retalhada de relevos? Não eram minhas retinas queimadas, mergulhadas na luz vulcânica das tuas? Não eram labirintos combustíveis no redemoinho entorpecido das tuas íris? Não eram, amor, feitos de um tecido inflamável estes sanguíneos vestidos das tuas meninas-dos-olhos?) Não era um bicho adormecido essa minha vontade?

Uma tortura deliberada, um deserto na planície inerte da minha língua, resvalando lasciva, feito serpente, pelas rochas arenosas dos meus dentes; abrindo o céu incandescente da minha boca, tocando uma marcha fúnebre na campainha da garganta. E era você no sal incandescente desta língua, compondo de cinzas a força incomparável da minha sede, a mesma sede que desde sempre eu esperei que jorrasse, quase que sem controle, para que a poça da minha água fosse a vertente de uma cascata, e de tão aguçado e de tão seco, meu paladar sentiria seu gosto, seu cheiro; e meus olhos varreriam cores fosforescentes se acendendo na gorda vazão da catarata. Seria só o



sombrio percurso de uma geada pra quem conserva ainda virgem a brasina queimadura destas rosetas e destas urtigas que te brotavam pelos poros e te cobriam densamente o corpo, se abrindo nesta floresta, envolta de cogumelos, a flor de uma planta carnívora.

Desculpe, amor, se não contendo a força da minha represa. Só espero que te invada, que você seja inteira consumida na tempestade ártica destas linhas. Mas não que te afogue, apenas que te rompa as pálpebras e que te faça perceber o quanto útil me foram os ensaios do teu desprezo e as descargas do teu sarcasmo.

Devo a ti minha liberdade, e só peço que aceite como um sinal de toda minha gratidão este papel humilde, mas sincero. Guarde-o bem. Não há, nestas palavras, o menor sinal de inveja, de ódio, de rancor, de ciúme, de remorso. Aliás, percebo agora, isto sequer é um comunicado. É apenas algo para que me tenhas contigo, enquanto eu, permitindo-me ao ineditismo da ambição, levo de lembrança o nosso filho.